

O sonho de um governo mundial democrático

EDUARDO JORGE



A ESQUERDA NÃO PODE ABANDONAR A SUA MOTIVAÇÃO TRADICIONAL, A LUTA PELA IGUALDADE E A BUSCA DE COMPENSAÇÕES QUE PERMITAM A HOMENS E MULHERES DESIGUAIS TEREM CONDIÇÕES IGUALITÁRIAS DE VIDA. ADERINDO À DEMOCRACIA DE FORMA ABSOLUTA, A ESQUERDA DEVE ABANDONAR DEFINITIVAMENTE QUALQUER POSSIBILIDADE DO USO DA FORÇA MILITAR E DA VIOLÊNCIA COMO MÉTODO DE ALCANÇAR E MANTER O PODER. DEVE LUTAR, AINDA, POR OUTRO PADRÃO DE CONSUMO, DEIXANDO PARA TRÁS A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DE DESENVOLVIMENTO. OS CONFLITOS ENTRE NAÇÕES PODEM SER ADMINISTRADOS POR UM COMITÉ INTERNACIONAL DE JUSTIÇA E POR UM PARLAMENTO MUNDIAL

*"Above us only sky...
you may say I'm a dreamer
But I'm not only one
I hope someday you'll join us
and the world will be as one"*

Imagine - John Lennon

Superar ou limitar a pura aplicação da lei do mais forte é um fator diferencial de civilização, uma ruptura entre pertencer ao reino animal ou pertencer à espécie humana.

A compaixão pelos mais fracos, a repulsa à opressão, a busca da igualdade entre os homens são elementos fundamentais na perenidade das grandes religiões da antiguidade que sobreviveram e alcançaram os séculos atuais. Mesmo quando se submete a humanidade à autoridade e à vontade de um ente sobrenatural, divino, esta é uma fórmula que permite dizer: perante Deus todos são iguais!

É verdade que os sacerdotes não se cansam de recriar hierarquias e justi-

ficativas terrenas para as diferenças e privilégios existentes. Porém, a força do igualitarismo perante Deus não cansa de irromper por meio de profetas, reformas, novas religiões e rebeliões, deixando suas marcas permanentes na História.

Uma das novidades das revoluções liberais, libertárias e socialistas, a partir do século XVIII, foi pretender essa igualdade normatizada e regulada livremente pelo homem, dispensando a intermediação divina.

Se essa vertente teve mais sucesso que as antigas vertentes religiosas, ou se ambas podem se excluir totalmente, é um balanço ainda por ser feito.

De qualquer forma, os dois caminhos também contabilizam violentos desastres, como a corrupção de Roma, que motivou a Reforma e as trevas das inquisições dos reinos católicos, ou a ditadura marxista-leninista na ex-URSS, que, afinal, num fracasso paradoxal do intuito inicial, ousou reinventar Deus na carne do partido único.

tais insucessos abrem caminho para a pregação da inevitabilidade da desigualdade, transitando para a necessidade da desigualdade e terminando com a tentativa de consagrar como árbitro supremo da convivência humana o mercado. O que de certa forma é o retorno ao reino animal orientado pela pura aplicação da lei do mais forte.

A luta pela busca da igualdade entre os homens desiguais *versus* a lei do mais forte se amoldou à fórmula esquerda *versus* direita só muito recentemente. Ela adota aspectos concretos em cada episódio da História e nem sempre essas formas são puras em seus ideais e menos ainda em seus resultados.

De qualquer maneira, para nossa época, acho que um grupo que se pretenda de esquerda não pode abandonar sua motivação tradicional, embora tenha que assumir sua insuficiência enquanto programa de construção da felicidade na Terra.

Que elementos, políticos e ideológicos, a meu ver, não poderiam faltar num programa para uma esquerda dos nossos dias?

Igualitarismo

Persistência e criatividade na busca das compensações que permitam a

homens e mulheres desiguais terem condições igualitárias de vida. Essa é a nossa tradição, por ela não devemos ter medo, inclusive, de sermos em alguns aspectos verdadeiramente conservadores.

"A ditadura marxista-leninista na ex-URSS, afinal, num fracasso paradoxal do intuito inicial, ousou reinventar Deus na carne do partido único"

Democracia

A necessária conciliação entre luta pela igualdade e pela liberdade, evitando que esta se desvie para o individualismo e o corporativismo, passa por uma adesão absoluta da esquerda à democracia e ao repúdio a todas as formas de autoritarismo e discriminação na convivência social. Uma democracia que não seja sinônimo de esmagamento das minorias, que devem ter sua sobrevivência garantida.

à medida, é claro, que sua existência não ameace a integridade física ou moral de outras pessoas.

Para alguns setores da esquerda, a adesão à democracia deve se formalizar perante a opinião pública com a condenação formal de dogmas como "a ditadura do proletariado", "o partido único", "a moral ou ética classista", assim como deve rejeitar condicionantes do tipo "democracia popular" e "democracia socialista", além de implicar a aceitação de elementos essenciais como: liberdade religiosa, política, sindical, de expressão, artística e de imprensa. Implica a aceitação do pluralismo político e da alternância de governo, escolhido pelo voto secreto e universal. Implica a defesa de fórmulas de controle social permanente pelos cidadãos, como elementos de democracia direta sobre a vida das instituições políticas e econômicas, públicas e privadas, que tenham significado para o governo da sociedade. Por fim, implica que a esquerda, sem deixar de tomar parte nos conflitos, saiba construir consensos, o que é uma condição para governar na democracia.

Não-violência

A esquerda deve abandonar radicalmente o uso da força militar e da violência como método político de alcançar e manter o poder. De certa forma, é uma consequência lógica ao se aceitar o batismo da democracia. Porém, as racionalizações em torno de exceções nos casos da "violência justa" são sempre muito amplas, de resultados duvidosos, com preços

ESQUERDA

sempre altíssimos pagos pelos mais pobres. Nesses casos, a violência sempre pode ser substituída por métodos pacíficos de mobilização mais poderosos, seja dentro de uma nação ou em nível internacional, que, quando vitoriosos, trarão resultados mais profundos e perenes.

A não-violência implica a desmilitarização da sociedade e dos países. A nosso favor: a capacidade destrutiva acumulada e potencial torna os recursos militares em última instância inaplicáveis. Portanto, são inúteis.

O Brasil, por seu peso específico, pelo tamanho continental, pela sua situação intermediária entre as potências desenvolvidas e os chamados Terceiro e Quarto Mundos, terá papel decisivo na política de desmilitarização.

A abolição unilateral das forças armadas nacionais, com a manutenção apenas de um corpo de autodefesa à disposição de uma força de paz internacional democraticamente controlada por todas as nações, colocaria em xeque as práticas hegemônicas militares, principalmente dos EUA. Pela primeira vez, travaríamos uma batalha decisiva pela paz junto à opinião pública do chamado Primeiro Mundo testando de forma profunda sua propalada adesão aos ideais democráticos.

Assim, teríamos em nível mundial a liberação de recursos financeiros industriais e científicos fundamentais para enfrentarmos problemas como a fome, doença e a pobreza.

"A abolição unilateral das forças armadas nacionais ... colocaria em xeque as práticas hegemônicas militares, principalmente dos EUA"

tais, compartilhados tanto pelo capitalismo como pelo socialismo, levariam, pela primeira vez na trajetória da humanidade no planeta, a que fôssemos uma ameaça à vida na Terra.

Um novo padrão de relacionamento com os outros seres vivos, com os recursos naturais e com o próprio planeta, deve levar a esquerda a defender não apenas a democratização do consumo de produtos, mas, também, um outro padrão de consumo: para todas as nações e cidadãos, que permita a continuidade da vida na Terra. É o caminho do meio, entre o ascetismo e o consumismo.

Gestão Pública

A maior parte da esquerda se caracterizou pela defesa da gestão e da propriedade estatal, como se fosse um caminho seguro para a socialização. Essa via falhou. A meu ver, a resposta sobre gestão e propriedade deve ser o conceito de controle social.

A gestão poderá ser privada típica (com fins lucrativos), estatal típica (com controle governamental direto), ou social pública (propriedade privada ou estatal, geridas sem fins lucrativos, com representação majoritária da sociedade civil, frente a representantes do governo e de empresas privadas).

O controle social pode vir pela via judicial, legislativa e diretamente por meio de representantes de usuários,

trabalhadores e entidades autônomas da sociedade civil e, em maior ou menor grau, deverá intervir nos três tipos de gestão: privada, estatal e social pública. É o predomínio da ação da cidadania organizada e independente sobre os in-

teresses privados guiados pelo mercado ou a tendência burocratizadora das entidades estatais, fortalecendo o uso da descentralização em detrimento dos métodos centralizadores de gestão.

Ecologia

A concepção materialista de desenvolvimento a qualquer custo das forças produtivas e o "direito" do homem de dispor como bem entender dos recursos na-

"A maior parte da esquerda se caracterizou pela defesa da gestão e da propriedade estatal, como se fosse um caminho seguro para a socialização"

Humanidade

Os recentes desenvolvimentos nas comunicações, nos transportes, na informática e noutras tecnologias de ponta colocam pela primeira vez ao nosso alcance a possibilidade de uma administração superior dos conflitos entre nações pobres e ricas, entre o nacional e o internacional, entre a administração centralizada e descentralizada.

Por outro lado, nenhum, rigorosamente nenhum, dos grandes problemas da Terra e dos povos pode ser resolvido isoladamente por uma nação rica ou pobre. Por exemplo, o caso das drogas e a inter-relação entre sua produção e seu consumo. Das epidemias transpondo as fronteiras. Das modernas tecnologias de transporte. Da fome e da pobreza, persistindo e se expandindo em todos os países e se transportando em direção dos centros dinâmicos da economia mundial pelos caminhos irrefreáveis da migração. A regulação do comércio de forma a evitar destrutivas guerras comerciais e práticas imperiais. As manifestações de fanatismos e nacionalismos extremados como expressão da revolta contra a exclusão social: as guerras localizadas e crônicas e a ameaça de guerras totais. A defesa do meio ambiente, das espécies ameaçadas, a repressão à exploração do trabalho e a busca

de alternativas ao desemprego estrutural. Um planejamento familiar democrático e não como política genocida ou expansionista ou mesmo de controle sobre nações ou grupos étnicos. O consumismo egocêntrico, insaciável e destrutivo, im-

pulsionado pelo materialismo, pela propaganda e pelo modelo de vida dos mais ricos. Finalmente, o controle sobre o capital financeiro internacional que pode destruir moedas, governos ou nações num piscar de olhos.

Uns e outros, os novos recursos e os novos/velhos problemas só podem ter uma solução global.

A solução é a construção por múltiplos caminhos de um Governo Mundial Democrático. Na verdade, é um aprofundamento do trabalho importante, porém ainda incipiente, feito pela ONU e pelos mercados comuns regionais. Teremos um parlamento mundial,

uma corte de justiça para problemas globais, um aparato executivo, com forças de paz controladas pelo parla-

mento mundial e uma sociedade civil mundial, inclusive com suas ONGs.

Ou seja, uma ONU democratizada. Um estado federativo de novo tipo.

Isto seria o fim dos Estados nacionais? Não. Eles continuariam, porém, com funções condicionadas a normas universa-

listas do estado democrático planetário. Na verdade, sejamos bem claros, a única forma de as culturas nacionais e de as minorias étnicas de alguma maneira sobreviverem é sob a proteção deste estado democrático internacional. É o único mecanismo civilizado e civilizador capaz de evitar a destruição das culturas nacionais e das minorias pelas violentas forças selvagens do puro jogo de mercado já desencadeado e potencializado pelas novas tecnologias de comunicação e transporte e pela capacidade destrutiva do sistema financeiro internacional.

A globalização é um fato. Um fenómeno positivo para o qual a esquerda deve se apresentar com propostas compatíveis e capazes de gerar consensos superiores nacionais e internacionais.

EDUARDO JORGE é deputado federal e médico.

“... velhos problemas só podem ter uma solução global. A solução é a construção por múltiplos caminhos de um Governo Mundial Democrático”

“... nenhum ... dos grandes problemas da Terra e dos povos pode ser resolvido isoladamente por uma nação rica ou pobre”
